

Pensamento — Sonho — Imagem

Afiz Sadi

Um pouco chocado com as promessas não cumpridas pela bem-amada e o escuso difícil do mal feito em dizer-te a verdade, e não ocluí-la em uma traição branca indesejada e lamentável, somente perdoável pela extensão do amor sedento e crível. Assim pensando, ao conceituar os viveres dessa nossa existência, quase perdendo os sentidos da despedida definitiva, proposta em uma discreta centelha quase imperceptível, voltei ao meu passado e Chamshudim Mohamed, poeta de Chiraz, disse-me: que mais posso pedir à minha estrela, senão sempre viver em tua presença? Se a tua porta enxameia adoradores ardentes, que há nisso de espantoso? Em torno das flores zumbem, à porfia, as abelhas. Não é necessária uma espada para degolar o amante: basta um olhar para lhe arrebatá-lo metade da vida. Se me fosse dado respirar em comum com a bem-amada, a que daria eu o nome de paraíso? O destino tornou-me tão fraco. Quem dera asas ao meu desejo, ó belo cipreste, para atingir-te o cimo? Como descobriria o desgraçado que se está afogando, em meio de salvação, se a torrente do amor o cerca de todos os lados? Encontrasse eu mil vezes a amada e ela me repetiria a cada encontro: “Que homem é este?”. Doce é o vinho colorido, doce a companhia da amada. A esses dois amores Afiz, de coração perdido, ficará sempre fiel. Se por ventura difícil for para Hafiz, e ele nada puder fazer para que a bem-amada retorne, então que Deus conserve aos olhos de Afiz a imagem dela.

Parece que meus estros voltam ao passado dos meus ancestrais e converso com os poetas e intelectuais dantanho que produziram os rubais ou os gazéis.

Não sei o que está acontecendo, mas vejo você em meio a esse turbilhão de poemas e de odes, sextilhas e alexandrinos. Bem antes dessas redondilhas, vejo Hafiz declamando seus poemas à sua bem-amada — e daí os seus conselhos poéticos em gazéis. Parece que revivo aquela época, ou vivi, ou vez ou outra sinto-a em chamamento na espiritualidade da


 Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1f/Nizami_-_Khusraw_discovers_Shirin_bathing_in_a_pool.jpg>.

coisa, externando meus pensamentos, meus dizeres, meus pensares e o meu coração.

Vi-a naqueles tempos, no farfalho das folhas, no lusco-fusco da neblina, no caminhar pausado do pensamento e, enquanto não estreitá-la entre meus braços, a roseira da minha alma não florirá.

Afiz Sadi

Médico Urologista,

Membro da Academia Cristã de Letras

Discurso de Recepção ao Professor José Vicente Barbosa Corrêa

Guido Arturo Palomba

Coube-me a honra de proferir o discurso de recepção ao professor José Vicente Barbosa Corrêa, que, nesta noite, em sessão solene da Academia de Medicina de São Paulo, toma posse na cadeira n. 9, sucedendo ao saudoso acadêmico Celso Carlos de Campos Guerra, tendo por patrono Marcelo Pio da Silva.

De início, é preciso lembrar que o novo acadêmico aqui está após ter recebido reconfortante votação, o que confirma a dimensão absoluta de seu prestígio, cimentada pelo júbilo de tê-lo conosco *ad perpetuam rei memoriam*.

Assim, a Academia de Medicina de São Paulo se preparou, especialmente, para esta data festiva e, neste momento da celebração, permitam-me traçar a síntese da vida técnico-profissional do professor José Vicente Barbosa Corrêa.

Nasceu em São Paulo, formou-se na Escola Paulista de Medicina, turma de 1954.

No início da década de 1960, estudou, como bolsista, na Universidade de Munique; depois, já no Brasil, graduou-se em Administração Hospitalar pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e especializou-se em Ortopedia e Traumatologia, defendendo tese de doutoramento em 1973, aprovado com distinção, grau 10.

Como docente, exerceu os mais importantes cargos em São Paulo, entre eles, professor doutor em Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, desde 1973, e professor doutor, nível III, de Medicina Legal da Faculdade de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas, de 1993 a 2005.

O saber substantivo e enciclopédico do notável mestre levou-o a postos importantes dentro da sutil e delicada arte a que se dedica e se especializou.

Exerceu cargos de destaque, entre eles, o de diretor-geral do Hospital das Clínicas de Promissão e diretor do Hospital

Padre Anchieta de São Bernardo do Campo. Foi também membro de comissões de estudo e de fiscalização hospitalar, bem como membro fundador do Centro de Estudos Godoy Moreira e da comissão de assessoramento para assuntos éticos do Instituto de Ortopedia e Traumatologia.

Ainda somam-se participações em 17 bancas examinadoras de mestrado e de doutorado, além de orientação de várias teses de graduação.

A vivência diuturna na medicina, entre alunos e pacientes, deu origem ao renomado médico e professor universitário, José Vicente Barbosa Corrêa, como também produziu o destacado escritor, de cuja pena, de rara verve e talento, vieram a lume importantes obras, cujos títulos falam por si sós, por exemplo, *O pé torto de Lord Byron*; *Podraga, uma tese de 1788*; *A gota do poeta Ronsard*; *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*; *Curso de história da ortopedia na Universidade de São Paulo*; *Instituto Godoy Moreira*; *Sob as barbas do Imperador, o queixo Habsburgo*, entre outras, lembrando que, ao todo, o professor Barbosa Corrêa escreveu 48 obras, algumas premiadas, com destaque especial para *A tragédia da gota*, de invulgar rigor científico e grande beleza literária.

No exercício de seu honroso mister, proferiu palestras e aulas, expôs temas livres, participou de congressos, seminários e simpósios.

Então, por acréscimo natural, como resultado de todas essas multifárias atividades, hoje é modelo incontestado às gerações mais novas, tem discípulos, tornou-se paradigma do comportamento ético, científico e cultural.

A vida do médico e professor Barbosa Corrêa é, de fato, de grande valor nos cenários do magistério, da ortopedia e da traumatologia. No entanto, vai além, considerando suas atividades extracurriculares, sobretudo nas áreas do direito, da segurança nacional e no estudo de línguas estrangeiras.



Dr. Guido Palomba e Dr. José Vicente Barbosa Corrêa

Senhoras e senhores, aí está, em brevíssima síntese, apenas um avo da vida do novel acadêmico, mestre da cultura humanística de altíssimo padrão.

Antes de terminar estas palavras de recepção, permitam-me registrar publicamente uma menção póstuma de gratidão ao saudoso Celso Carlos de Campos Guerra, último ocupante da cadeira n. 9. Celso Guerra, com outros quatro acadêmicos, esteve à testa da reorganização desta Academia, trabalho que durou seis anos consecutivos. O estatuto moderno, os métodos democráticos e participativos para ingresso à titularidade, os enunciados que dão razão a esta sessão solene, entre outras importantes colaborações, são frutos das sementes plantadas pelo inesquecível Guerra, a quem rendemos *ab imo pectore* estas homenagens.

Senhoras e senhores, prezadíssimo professor Barbosa Corrêa, recipiendário José Vicente Barbosa Corrêa, meu querido amigo Barbosinha (permita-me chamá-lo assim, em lembrança à forma carinhosa e fraterna como o tratava o saudoso Duílio Crispim Farina), sintam-se em confortadora presença entre os colegas-confrades que o recebemos cordialmente, de braços abertos.

Seja bem-vindo.

Sejam de todos as boas-vindas. Meus parabéns.

Guido Arturo Palomba
Membro Emérito da Academia
de Medicina de São Paulo, cadeira n. 1,
Patrono: Luiz Pereira Barreto

Discurso do Professor José Vicente Barbosa Corrêa na cerimônia de sua posse

José Vicente Barbosa Corrêa

Senhoras e senhores,
À Academia de Medicina de São Paulo e à Cultura.

Sempre que um médico almeja ingressar em uma veneranda e consagrada Academia como esta, qualquer que seja a sua intenção, quer seja a emulação pessoal, a ambição científica, a vaidade ou qualquer outra, por mais estranha que possa ser, estará sempre intrinsecamente imbricada em um conceito complexo e abstrato, denominado cultura.

Em Sociologia, cultura é todo o agente que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e outros hábitos adquiridos. Na sociedade, até mesmo o prosaico fanatismo futebolístico, próprio dos brasileiros, enquadra-se nessa noção de cultura.

No âmbito pessoal e familiar, os elos afetivos mantenedores dos agrupamentos humanos e culturais incluem o apego, a veneração e a bondade, que são qualidades variáveis em intensidade e nobreza. Em outras palavras, por *apego* ou amizade deve-se entender simpatia de igual para igual. A *veneração* significa simpatia de baixo para cima, ou seja, admiração e respeito à autoridade. A *bondade* é simpatia de cima para baixo, abarca a lhanza de trato de pais para filhos, de mestres para discípulos ou de dirigentes para dirigidos. A cultura engloba tudo isso.

Apontei alguns aspectos de suma relevância que sempre influenciaram a formação e o desenvolvimento de minha cultura, que passarei a expor.

Quarto filho de um casal de médicos, formados pela Faculdade de Medicina de São Paulo em 1923, e tendo ainda um irmão mais velho, também formado em medicina, estive desde pequeno sujeito a todas essas benéficas influências.

De minha mãe, senhora muito instruída e muito bondosa, captei logo na infância os ensinamentos de religiosidade e os importantes fundamentos da correta convivência familiar.

De meu pai, professor Barbosa Corrêa, paradigma que foi de minha vida profissional, senti sempre o desejo de seguir seus passos. Eleito que foi nos idos de 1934 para esta Academia, nela teve ativa e destacada participação.

Sua formação médica transcorreu na tradicional Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na famosa 2ª Enfermaria de Homens, então dirigida pelo insigne professor Rubião Meira, secundado pelo sábio mestre Lemos Torres, profundo conhecedor da moderna semiologia alemã. Esses professores foram alguns dos responsáveis pelo início do novo ensino de Clínica Médica na Faculdade de Medicina de São Paulo.

Ao ingressar na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como era então conhecida esta Academia, meu pai foi apresentado pelos seus dois ilustres mestres.

Em 1935, São Paulo assiste a um extraordinário surto de progresso cultural, com a criação da sua universidade, à qual se agrega logo a Faculdade de Medicina. Essa é a hora em que chegam talentosos professores italianos, franceses e alemães, os quais trazem novas diretrizes para o desenvolvimento e o progresso das ciências de nossa terra.

Nessa mesma época, quatro jovens e promissores médicos da Santa Casa disputavam o memorável e primeiro concurso de Livre-docência de Clínica Médica promovido pela universidade, acontecimento que foi muito festejado pela sociedade paulistana naqueles tranquilos dias. Foram eles: Jairo Ramos, Barbosa Corrêa, Otávio Nêbias e Ignácio Lobo.

Na novíssima Escola Paulista de Medicina, criada em 1933, abre-se a oportunidade para esses novos docentes-livres atuarem com desenvoltura em cadeiras de que agora são mestres. Barbosa Corrêa, na Escola Paulista de Medicina, atua com êxito até sua prematura morte em 1948.

Jairo Ramos, com notório tirocínio e prestígio, tem a oportunidade na Cátedra de Clínica Médica, em 1951, de criar e desenvolver um novo departamento, mais abrangente e moderno,

que incluísse todas as sessões dessa importante especialidade. Em cada sessão coloca um assistente promissor para por ela se responsabilizar. Assim, na sessão de hematologia convida Marcelo Pio da Silva, que terá destacada atuação nessa área e que, anos depois, traz como discípulo para auxiliá-lo, e em seguida substituí-lo, Celso Campos Guerra. Os acontecimentos históricos médicos sociais, aqui sucintamente relatados, confirmam o pensamento do velho sábio, referindo-se ao progresso da medicina. O horizonte do progresso científico sempre se alarga e se expande cada vez mais, porque os que dele se ocupam, em cada nova geração, estão apoiados firmemente sobre os ombros dos mestres que os precederam.

A Academia Paulista de Medicina, à semelhança de sua congênera francesa, dá aos seus respeitáveis titulares o nome de “imortais”. Não tem, no entanto, esse apelido qualquer conotação com a imagem religiosa que evoca a vida após a morte. Esse título tem a finalidade de exortar as novas gerações de cientistas e é, em verdade, um epíteto por excelência, símbolo de nobreza social e cultural, exemplo de sucesso moral e técnico.

Bem houve este respeitável cenáculo em determinar ao recipiendário que proferisse, em seu discurso inaugural, homenagem ao Patrono da Cadeira e ao último titular dela que terá a honra de substituir.

Marcelo Pio da Silva



O patrono escolhido para a cadeira n. 9 da Academia Paulista de Medicina foi o professor Marcelo Pio da Silva, formado na Escola Paulista de Medicina na turma de 1941. Natural da cidade de Casa Branca, São Paulo, onde nasceu em 1915, ainda estudante interessou-se pelo estudo do sistema hematopoiético, atuando como monitor, em 1938, na cátedra de Patologia Geral no serviço do professor Marcos Lindemberg.

Fez estágio voluntário com José Oria, de 1939 a 1941, na cadeira de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina da USP, no serviço do professor Carmo Lordy. Trabalhou com José Oria de 1943 a 1945, recebendo informações preciosas sobre toxicomorfologia normal e patológica do sangue e órgãos hematopoiéticos.

Durante os anos de 1944 a 1946, dois meses ao ano frequentava o serviço do professor Alfredo Pavlovsky, especialista argentino, estudioso das hemopatias em geral, particularmente dos defeitos hereditários da hemostasia. Visitou centros europeus e americanos de hematologia para conhecer a organização e funcionamento dos serviços dos

professores Gluglielmo Flaschim Astaldi, Jean Bernard, Nathan Rosenthal, Leon Jacobson e Oliver Jones.

Fez carreira acadêmica na Escola Paulista de Medicina, tendo sido nomeado assistente voluntário da Clínica de Propeidética Médica, cadeira do professor Jairo Ramos, em que fazia os exames hematológicos. Paralelamente, foi nomeado, em 1942, diretor do Serviço de Hematologia Clínica, cargo que ocupou até 1951, com funções docentes e assistenciais.

Em 1951, o professor Jairo Ramos criou o Departamento de Clínica Médica; após isso, houve um avanço extraordinário da hematologia, com a criação da Disciplina de Hematologia, a qual passou a ser dirigida por Marcelo Pio da Silva.

Durante quatro décadas, exerceu essa atividade e formou inúmeros hematologistas, como José Elias Cury, Carlos Nogueira Ferraz, Celso Carlos de Campos Guerra, Renato Pasqualim, Mioko Yamamoto, Mitie Matsumoto, Helio Moraes de Souza, Nelson Hanerschlak, Paulo Siufi, entre outros.

Participou da fundação da Sociedade Brasileira de Hematologia e Hemoterapia em 1950, sendo tesoureiro na primeira diretoria presidida pelo professor Michel Abujamra.

Em 1965, Orlando Villas Bôas solicita à Escola Paulista de Medicina o envio de uma missão médica para proceder à avaliação da condição de saúde dos índios do Alto Xingu. A missão foi liderada pelo Dr. Roberto Baruzzi, que convidou para a primeira viagem os doutores Marcelo Pio da Silva, José Kerbauy e Carlos D'Andretta, entre outros. Conta seu contemporâneo e colega Baruzzi que Marcelo, ao comunicar ao professor Jairo Ramos sua viagem, teve dele forte incentivo, ao lhe dizer, na sua maneira peculiar de comandar: “Marcelo vá com o Baruzzi e faça uma tese!”.

Em 1967, tornou-se livre-docente com a tese: *Contribuição para o estudo do sangue periférico e da medula óssea em índios do Alto Xingu*.

Viajou mais de uma vez àquelas longínquas regiões onde consolidou sua amizade com os sertanistas irmãos Villas Bôas, dos quais se tornou grande amigo e colaborador.

Tornou-se professor da disciplina de Hematologia da Escola Paulista de Medicina em 1971.

Foi autor de numerosos trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

Este ilustre professor deu nome a um prêmio anual que leva o seu nome e que por diversas vezes contemplou trabalhos notáveis de colegas da especialidade.

Foi, ao lado de Celso Guerra, Luiz Gastão Rosenfeld, Nelson Hamerschlak e Jacob Rosembly, fundador do Centro de Hematologia de São Paulo.

Marcelo Pio da Silva foi marido e pai dedicado.

Além disso, apreciava música, sendo famosos os saraus musicais em que tocava piano em sua casa com seus assistentes e amigos.

Faleceu em 1994 aos 79 anos.

Celso Carlos de Campos Guerra



O professor Celso Guerra nasceu na cidade de Avaré, São Paulo, em 1941. Filho e irmão de médicos, formou-se pela Escola Paulista de Medicina em 1964, na qual fez carreira universitária como auxiliar de ensino, professor-assistente e professor adjunto da disciplina de Hematologia no Departamento de Medicina.

Concluiu doutorado na Escola Paulista de Medicina em 1970. Alcançou a primeira livre-docência em 1977, pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos, e a segunda, pela Universidade Federal de São Paulo em 1996. Lecionou também na Faculdade de Medicina do ABC. Foi chefe do Serviço de Hematologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (HSPE) até 1992. Presidiu o Conselho de Ensino da Secretaria Municipal de São Paulo de 1992 a 1995.

Nas atividades didáticas e científicas, concentrou seus conhecimentos nas áreas de coagulação sanguínea e anemia ferropênica.

Ao referir-se à sua morte, o professor Luiz Gastão Rosenfeld disse: “Guerra demonstrava os traços marcantes de sua personalidade, simplicidade e humildade na forma como ensinava a todos, apesar de ser detentor de profundos conhecimentos em uma área médica tão complexa”.

Sabia ensinar a todos os níveis profissionais, fosse em congressos internacionais ou nacionais. Da mesma forma, dava aulas para médicos, alunos de cursos de várias áreas da saúde ou, simplesmente, no convívio diário com colegas, familiares e amigos, sempre se adaptando ao nível de conhecimento daqueles que o assistiam.

Cumpriu com galhardia a missão didática, coroando-a com a publicação de um livro e contribuindo com mais de 30 capítulos em outros tantos de autores diversos. Publicou em revistas científicas mais de cem artigos, apresentou cerca de 150 trabalhos científicos nacionais e internacionais em congressos, bem como proferiu centenas de palestras em jornadas, cursos e congressos.

Prossigue ainda Rosenfeld: “Lançou e obteve sucesso em empreitadas memoráveis. Na primeira, conseguiu extinguir a remuneração da doação de sangue no país. Na segunda, cujo foco era a anemia ferropênica, mal que atinge pelo menos 30% da população brasileira, lançou a ‘Cruzada contra a anemia’”.

E assim prossigue seu memorialista. Celso deixou a marca de sua personalidade na sociedade, seja pela criatividade, seja pelo inconformismo. Em situações polêmicas, demonstrou a retidão de seu caráter, reconhecida por todos os seus pares.

Participou também intensamente da vida associativa dos médicos de São Paulo. Foi diretor de defesa profissional e presidente nos biênios 1989/1991 e 1992/1993 da Associação Paulista de Medicina. Sua incontestada liderança, com base na ética, transparência e pureza de objetivos, foi sempre admirada por todos.

Manteve atividade privada em laboratório clínico e clínica hematológica, sua maior paixão, da qual nunca se afastou, iniciada em consultório com seu mestre e professor Marcelo Pio da Silva.

Criou o Serviço Paulista de Hematologia, que evoluiu para tornar-se fundação, em 1981, vindo a ser o Centro de Hematologia de São Paulo, uma entidade sem fins lucrativos, que dirigiu até o último dia de vida e na qual conseguiu agregar dezenas de hematologistas e hemoterapeutas.

Celso dirigiu, por muitos anos, o Laboratório Clínico do Hospital Samaritano, em São Paulo, bem como foi consultor de Hematologia Laboratorial na Beneficência Portuguesa de São Paulo.

Conquistou, em 1971, o Prêmio Walter Oswaldo Cruz pelo trabalho *Coagulação intravascular crônica na esquistossomose mansônica hepato-esplênica*.

Recebeu também o Prêmio Oscar Figueiredo Barreto, pelo trabalho *Efeitos da marcaína sobre os fatores da hemostasia*.

O Prêmio Torres Homem, por sua vez, foi-lhe outorgado em 1982, pelo *Estudo das plaquetas em artrite reumatoide*.

O ilustre professor faleceu no dia 2 de fevereiro de 2008 em Campos de Jordão.

Ao traçar esse esboço, que compõe parte da História da Medicina de São Paulo, envolvendo sua notável cultura, ocorreram-me dois pensamentos significativos.

O primeiro é o admirável aforismo de Hipócrates: *Ars longa vita brevis*, conceito que abarca completa e sucintamente o pensamento médico que herdamos do pai da medicina.

Em segundo lugar, cabe lembrar que no universo cultural familiar de cada médico surge com importante significado a figura da mulher. É ela quem retém a surpreendente força agregadora vital para a família como esposa, mãe de seus filhos e ajudadora diligente, mas que às vezes sabe reconhecer que os momentos dela roubados foram dedicados às grandes causas. Rui Barbosa, com fina sensibilidade, registrou: “A família é a pátria simplificada”.

Nessa hora, gostaria de prestar justa e merecida homenagem a todas excelsas damas esposas dos acadêmicos. Não podendo enumerá-las, escolhi a Dona Leda, aqui presente, esposa do ilustre professor Celso Carlos de Campos Guerra, para que, as representando, receba estas flores como minha respeitosa e sincera homenagem.

Desejo agora externar minha profunda gratidão ao preclaro amigo Dr. Guido Arturo Palomba pela nímia cortesia em ter aceitado meu convite para que fosse meu apresentador ao transpor os umbrais desta Academia.

Suas eloquentes e bondosas palavras a meu respeito, que brotaram de um coração benevolente, foram provas inequívocas de sua amizade sincera que muito me desvaneceram.

Dono de uma pena leve e fluente, é autor de livros e trabalhos científicos de reconhecida importância. É também colaborador assíduo de excelentes artigos na Folha Cultural da Associação Paulista de Medicina e da Academia Paulista de História, com notável receptividade.

Guido Arturo Palomba,
meu caro amigo e irmão,
a você,
muito obrigado!

Ao memorizar por escrito alguns aspectos da Academia e da influência cultural da medicina paulista nos anos que tenho vivido, não posso sopitar em meu coração a alegria de declinar aqui o nome da Senhora Lygia de Mesquita Barbosa Corrêa, minha querida esposa há mais de 50 anos. Ela acedeu tomar o ditado deste meu discurso com a vontade, denodo e paciência de Jó — e sem a qual eu não poderia estar aqui. Assinalando palavra por palavra, só não anotou o fecho da oração, que mantive em sigilo apenas para proclamá-lo neste momento:

Lygia querida,
Companheira de viagem,
Na viagem da minha vida,
A você, todo o meu amor.

Aos demais, o meu muito obrigado!

José Vicente Barbosa Corrêa

Membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo,
cadeira n. 9, Patrono: Marcelo Pio da Silva

Afinal, quanto vale a nossa consulta?

Jayme de Oliveira Filho

Eu me lembro muito bem, há alguns anos atrás, quando de uma consulta para uma criança de oito anos com quadro diagnóstico de impetigo na face, que eu diagnosticara assim que o menino entrou na minha sala acompanhado de sua mãe.

Logo após do exame consumado, voltamos a sentar para que eu orientasse o tratamento para a mãe do garotão.

Enquanto eu finalizava a receita, percebi que o menino “cochichava” algo com a sua mãe, ouvindo o que o garoto comentava:

— Mãe, só por esta olhadinha ele vai cobrar tudo aquilo?

A mãe, corada, sem graça respondeu:

— Filho, preste atenção no doutor!

E ele realmente me fitava algo incrédulo, talvez pensando:

— Quando eu crescer, quero ser dermatologista!

Aquilo sempre ficou na minha memória, mas recuperei esses dados quando atendi, há algumas semanas, um executivo daquele tipo que está sempre apressado, parecendo ser o responsável pela garantia da “paz mundial”, segurando seus inúmeros celulares na mão enquanto mostrava-me um cisto sebáceo na região cervical.

Quando perguntado se poderia ser feita a retirada da lesão naquele momento, ele confirmou, dizendo:

— Claro que sim, eu vim para resolver o problema, pois minha secretária não conseguiria outro horário nas próximas semanas!

Submetido à cirurgia, logo pediu para que eu preenchesse um relatório médico que trazia consigo, para o devido reembolso.

Ao preencher o tal papel, eu coloquei na discriminação dos valores:

Consulta:	X
Cirurgia:	X
Total:	2 X

Ele, acompanhando atentamente meu preenchimento, saiu com esta:

— Eita bolinha cara, hein, doutor?

Subi o olhar por cima de meus óculos e perguntei-lhe:

— O senhor conhece a história do “Zé da chave de fenda”!?

E ele acenou negativamente com a cabeça.

Então, eu comecei:

— Havia uma indústria — com mais de cinco mil empregados — que tinha parado totalmente o seu funcionamento há uma semana em razão de uma pane geral, a qual afetou o sistema principal de computadores da empresa.

Apesar de vários profissionais já terem tentado de tudo para a resolução do processo, ninguém conseguia devolver o funcionamento à indústria.

Já com quase 20 dias de tensão, lembraram ao incrédulo dono da fábrica, que o *Zé da chave de fenda* operava verdadeiros milagres. Depois de muita insistência, ele pediu a intervenção do rapaz.

E lá chegou ele, com uma chave de fenda nas mãos e um jeito calado e maroto, pedindo que o levassem à sala do computador principal da empresa.

Observou por alguns minutos o complexo aparelho, aproximou-se do centro deste e apertou um entre centenas de parafusos que sua visão avistava.

Foi o suficiente para tudo voltar a funcionar!!!

O industrial e seus diretores exultaram em alegria e alívio.

E o rapaz ficou ali no seu canto.

Então, o senhor se aproxima e pergunta:

— Quanto lhe devo?

O rapaz fala baixinho:

— R\$ 20.000,00.

— Quanto? — gritou nervoso o executivo. Você vem aqui, fica alguns minutinhos, pega esta chavinha de fenda, aperta um parafuso e cobra tudo isso?! Eu exijo um relatório de seus procedimentos, imediatamente!

— Pois não, falou o rapaz todo humilde.

Pegou um papel e escreveu:

Aperto de um parafuso:	R\$ 1,00
Saber qual parafuso:	R\$ 19.999,00
Total:	R\$ 20.000,00

Acabando a minha história, olhei para o executivo que atendera e finalizei:

— O negócio é saber qual é o parafuso, não é mesmo?

E, sem graça, o importante senhor despediu-se de mim.

Conclusão “dermais”:

Quase nunca o tempo de execução é proporcional à importância do resultado!

Jayme de Oliveira Filho

Professor Titular de Dermatologia da
Universidade de Medicina de Santo Amaro

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.